

**"Até fome passei para estudar. Houve época em que, para conseguir dormir, eu bebia água"**

Nilton Santos Oliveira, único juiz negro do 1º Tribunal do Júri

**"Depois das dez da noite, não dá para negro andar na zona sul de São Paulo. A polícia pára mesmo"**

Camburão, integrante do grupo de rap Pavilhão 9

# Até réu tem preconceito contra juiz negro

Nilton Santos Oliveira, do 1º Tribunal do Júri, diz que o excesso de preocupação com o racismo atrapalha

Da Reportagem Local

Até ir a julgamento, no plenário B do 1º Tribunal do Júri, em São Paulo, Roberto (nome fictício) só havia cometido um crime: homicídio (pena de 12 a 30 anos).

Ao explicar as razões do crime, cometeu um segundo: "Não gosto nem de japonês nem de pessoas de cor", disse o réu.

Com um olho nos jurados e outro no juiz, o promotor Paulo Ferreira Lima explorou teatralmente essa demonstração de preconceito do réu. Deu certo: ao fim do julgamento, Roberto foi condenado a 14 anos e 6 meses de prisão.

"Nem lembrei disso na hora de dar a sentença. Estou acostumado", diz Nilton Santos Oliveira, 37, único negro entre os 11 juizes do 1º Tribunal do Júri.

Estar "acostumado" significa ouvir diariamente pessoas entrando em sua sala, olharem para ele e perguntarem: "Onde é a sala do juiz?" Ou: "Você viu o juiz?" Ou: "O juiz já chegou?"

Oliveira tem por hábito responder: "Eu sou o juiz." Essa frase costuma ser dita com tamanha naturalidade que, invariavelmente, provoca uma mesma reação: "As pessoas ficam com a cara no chão. O que me deixa feliz", diz ele.

Quando era juiz em Caraguatuba, no litoral de São Paulo, Oliveira com frequência era parado na estrada por policiais rodoviários impressionados com o fato de um negro dirigir um Monza do ano.

Em uma ocasião, o desconfiado policial não ficou satisfeito em verificar os documentos de praxe. Perguntou a ocupação de Oliveira: "Sou juiz?", respondeu, para ouvir uma réplica imediata do policial: "Juiz de futebol?"

Nascido em Prado, na Bahia, filho de um lavrador e de uma dona-de-casa, Oliveira foi o único entre os quatro irmãos da família a conseguir um diploma superior.

Antes, na Bahia, foi engraxate, jornalista, office boy. Em São Paulo, enquanto estudava direito à noite em uma faculdade particular, trabalhou como bancário e depois foi escrevente de Justiça.

Formado em 1985, fez vários concursos, entre os quais para juiz.

Em 91, depois de exercer a advocacia por alguns anos, foi nomeado juiz em Caraguatuba.

Como outros negros de classe média que conseguiram superar barreiras sociais e econômicas, Oliveira acha que o esforço pessoal é uma das principais chaves do seu sucesso.

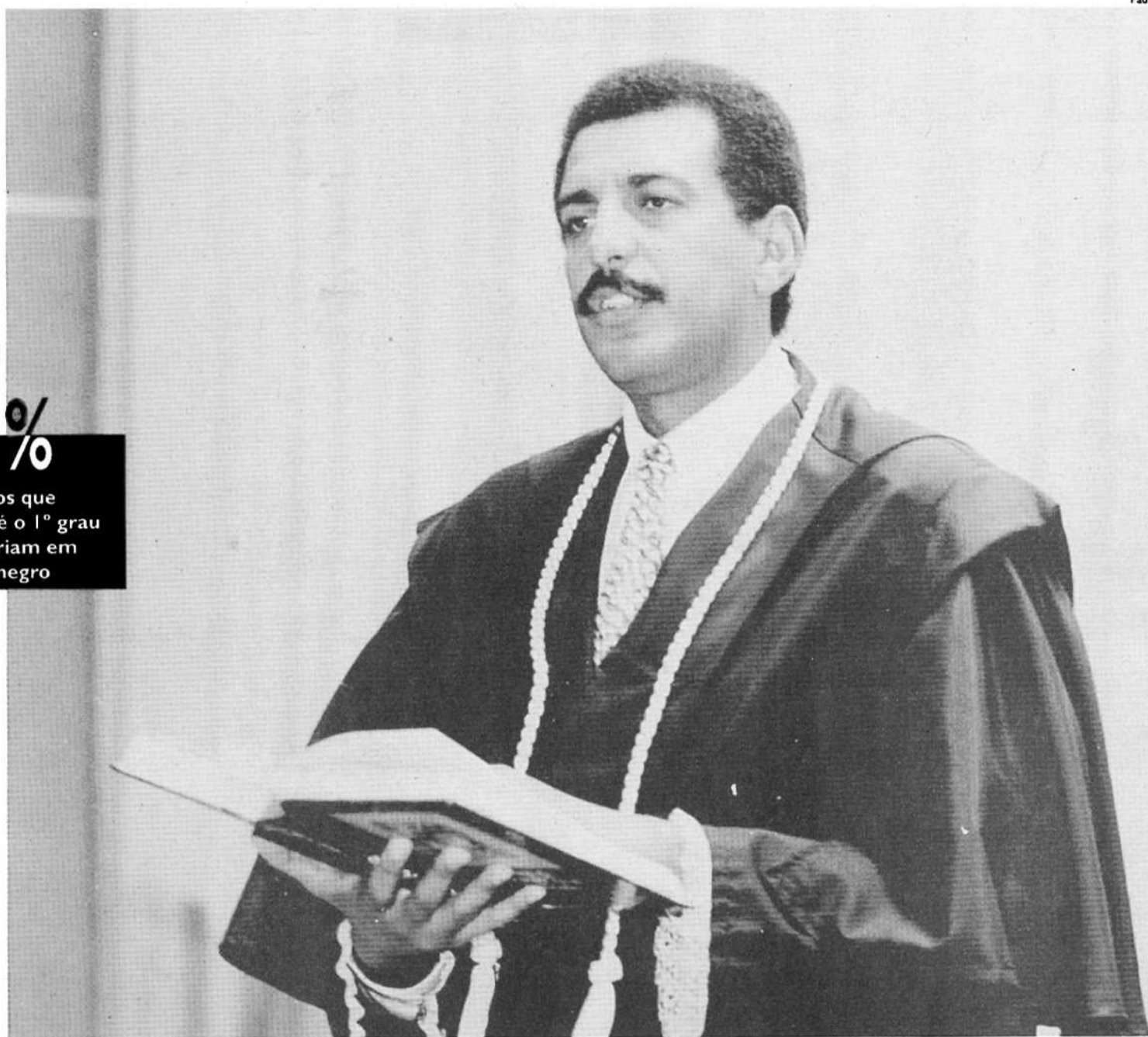
"O preconceito incomoda, mas não me impede de agir com naturalidade. O excesso de preocupação com o preconceito pode atrapalhar. Se eu não pensasse assim, não teria feito nada."

Divorciado de uma mulher branca, está se preparando para casar com uma mulher morena. "A única diferença é que as pessoas brancas que namorei tiveram mais oportunidades na vida."

Oliveira é contra um sistema de reserva de vagas para os negros no mercado de trabalho. "É melhor o preconceito ser velado do que explícito, como é nos EUA", diz o juiz. (Maurício Stycer)

**4%**

dos negros que estudaram até o 1º grau nunca votariam em político negro



Nilton Santos Oliveira, único juiz negro do 1º Tribunal do Júri (SP), lê o Código de Processo Penal, durante julgamento

## O ADVOGADO



Cândido Júnior, presidente da OAB-MG

## Presidente da OAB-MG é confundido com porteiro

Da Agência Folha, em Belo Horizonte

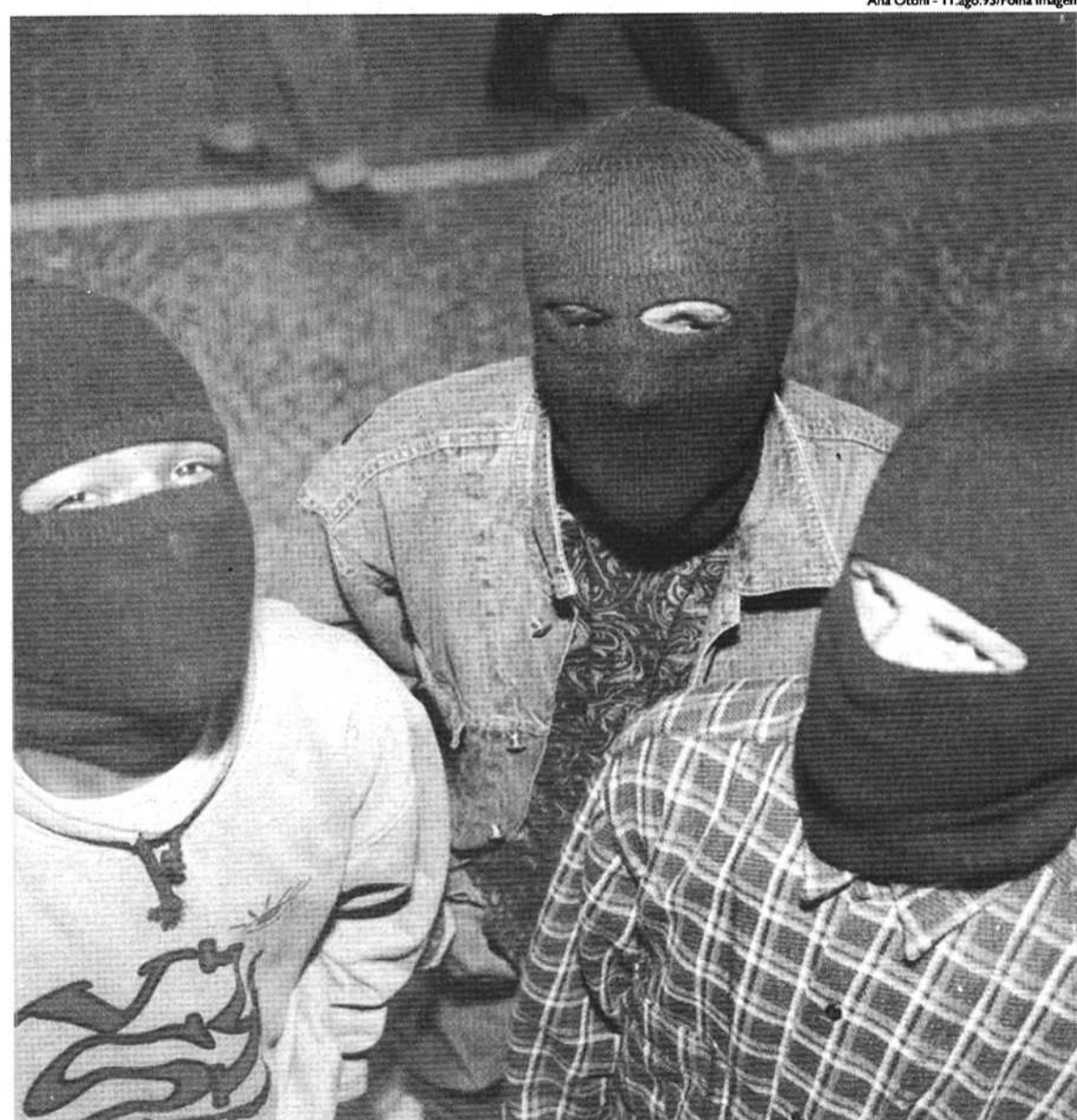
Presente na posse de Sepúlveda Pertence na presidência do STF (Supremo Tribunal Federal), o presidente da seção mineira da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-MG), Raimundo Cândido Júnior, mais uma vez teve o dissabor de ser confundido com um profissional muito menos qualificado do que é.

"Alguns hóspedes do hotel onde me instalei, em Brasília, me confundiram com o porteiro. Isso ocorre também em shoppings. Outro dia, saí da OAB dirigindo meu carro e uma pessoa me perguntou se onde eu trabalhava precisavam de outros motoristas", conta.

Único negro a presidir uma OAB regional, Cândido Júnior é também procurador da República do Estado. Na sua opinião, o preconceito contra o negro deve ser enfrentado e denunciado, mas ele próprio nunca se abateu com os casos de que foi vítima. "Aprendi com meu pai (que era professor de direito e chegou a presidir a OAB-MG) a tirar de letra os preconceitos", diz.

Alguns advogados mineiros tiveram a oportunidade de expressar o que pensam de um presidente de entidade negro na última eleição de Cândido Júnior (ele está em seu segundo mandato). "Em algumas poucas cédulas escreveram 'crioulo safado'." Dizem que no Brasil não existe preconceito é querer esconder a realidade", afirma. (Hélcio Zolini)

## O RAPPER



Camburão (esq.) com os colegas do grupo Pavilhão 9, que não mostram a cara em fotos

## Racismo leva músico a se chamar Camburão

Da Reportagem Local

O negro Claudiano Silva Feitosa descobriu ao menos uma utilidade no preconceito racial que sofre desde a infância.

Ao mergulhar na carreira de cantor de rap, Feitosa resolveu adotar o nome artístico de Camburão — numa "homenagem" às dez vezes em que foi detido nas ruas e levado, de camburão, "para averiguações" a delegacias de São Paulo.

Integrante do polêmico grupo Pavilhão 9 (outra "homenagem", essa aos 111 presos mortos pela polícia em rebelião em

Carandiru), Camburão acha que o rap é a forma ideal de denunciar o racismo no Brasil.

Um racismo, frisa o músico, que também é praticado por negros: "A maior alegria de um negro fardado (PM) ou com celular é zoar de negro pobre. Sintu nojo desses negros", diz.

O Pavilhão 9 acaba de gravar o seu segundo CD, "Procurados: Vivos ou Mortos", lançado pela pequena gravadora Paradox. "O chefe lá é branco, mas não tenho problemas com ele", diz Camburão, único artista brasileiro negro da gravadora. Aos 21 anos, Camburão está

noivo e planeja se casar no final de 95 — com uma mulher branca. "Ela curte som de negão."

Filho de um afiadador e de uma dona-de-casa, Camburão largou o colégio ainda no 1º grau para trabalhar. "O dono da padaria dizia, brincando: 'Se esse preto segurar no pão, vai sujar'. Isso me revoltou", conta.

Desde 1989, canta rap, primeiro em um grupo chamado Africa MCs, depois no Pavilhão 9. "O rap é legal porque você não precisa esconder o que você é, não precisa de fantasia, não precisa ser Zezé di Camargo e Luciano", diz. (MSy)

## O VEREADOR



Vital Nolasco em um auditório da Câmara

## Mulato afirma ser negro por uma questão política

Da Reportagem Local

A rigor, o único vereador negro da cidade de São Paulo, o comunista Vital Nolasco, é mais mulato do que negro. "Mas se a sociedade nos chama de negros, por que nós não vamos dizer que somos?", diz.

Para Nolasco, militante do PC do B, o racismo é um problema político. "A ideia do branqueamento da raça é muito forte. Minha mãe dizia para as filhas: 'Você tem que casar com branco para apurar a raça'. O negro de classe média também rejeita a raça."

Presidente de uma "comissão de acompanhamento das comemorações dos 300 anos de Zumbi", Nolasco molda seu discurso na afirmação da cor. "Ser negro no Brasil é ser um cidadão inferior. Por isso, não adianta eu não dizer que não sou negro", diz.

Nascido em Belo Horizonte há 48 anos, em uma família de baixa renda, conseguiu se formar em contabilidade (nível técnico). "Mas não arrumava emprego. Só conseguia trabalho como office-boy", conta.

Veio para São Paulo em 1969. A militância no grupo Ação Popular (AP) o levou a trabalhar em fábricas, onde virou eletricitista — e constatou que os negros "patinavam" na carreira muito mais que os brancos.

Na AP conheceu sua mulher, Maria Ester, branca, mas também uma militante dos direitos dos negros: "O negro precisa se valorizar mais. Ele não se impõe. Tem medo de ser negro", diz ela. (MSy)